



DIFICULDADES DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTO EM SALA DE AULA

**Tereza de Souza Rocha – Universidade Tecnológica Federal do Paraná –
tekarocha_68@hotmail.com**

**Nelson dos Santos - Universidade Tecnológica Federal do Paraná –
nsantos@utfpr.edu.br.**

Pesquisa Bibliográfica

RESUMO

Este artigo se constitui em um trabalho de conclusão de curso que tem como objetivo tratar das dificuldades encontradas pelos alunos no que se refere à compreensão de um texto no momento da sua leitura e, assim, propor soluções na tentativa de amenizar as referidas dificuldades. A pesquisa buscou também apontar e discutir alguns desses problemas que contribuem para o mau desempenho de muitos alunos das escolas brasileiras no que tange à interpretação do texto escrito, o que acaba prejudicando não só na disciplina de língua portuguesa, mas também em outras disciplinas. Dessa forma, o presente trabalho procurou encontrar, por meio do levantamento bibliográfico realizado, identificar alguns dos motivos que levam esses alunos a apresentarem tais dificuldades e, a partir daí, oferecer sugestões de práticas e atividades em sala de aula que possam trazer resultados mais satisfatórios quanto a essa problemática. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica fundamentou-se em autores como em Lajolo (1993); Bamberger (1987); Solé (2014); Leffa (1996) Freire (1989).

Palavras chave: Dificuldade, alunos, compreensão, leitura.

1 INTRODUÇÃO

É fato conhecido dos professores as dificuldades que os alunos apresentam no que se refere à interpretação de texto. Diante disso, faz-se necessário realizar estudos e desenvolver pesquisas no sentido de, se não resolver o problema na sua totalidade, ao menos amenizar tais dificuldades de tal forma que haja uma melhoria no desempenho desses alunos no que diz respeito a essa questão.

Com o foco voltado para essa problemática, decidiu-se pela realização de uma pesquisa bibliográfica com o objetivo principal de compreender as dificuldades

que envolvem a interpretação de texto em sala de aula e, para o alcance desse objetivo, buscou-se na literatura o que pensam os principais estudiosos a respeito do tema em tela.

É comum nos depararmos, em sala de aula, com alunos que apresentam dificuldades de interpretação de texto o que atinge de forma negativa o seu desenvolvimento escolar e pessoal.

O mundo contemporâneo cobra de nós, cidadãos, várias competências e uma delas é a desenvoltura no uso da língua e, para isso, não basta apenas uma boa comunicação verbal, mas também à capacidade de entender aquilo que está sendo lido, visto que, quando lemos, estamos interagindo com o autor. Para Lajolo (1993, p. 59),

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Como se sabe, as dificuldades de interpretação de texto não se revelam apenas nas aulas de língua portuguesa. Elas perpassam todas as demais disciplinas, como por exemplo, a matemática que, em muitos casos, necessita de interpretação devido ao conteúdo fazer uso de linguagem e simbologia, fato que, muitas vezes, impede que se alcance os resultados almejados durante as atividades desenvolvidas.

Tais dificuldades podem estar relacionadas ao foco que se dá nas aulas de língua materna, quando, por exemplo, prioriza-se o ensino de gramática de forma descontextualizada, deixando-se o trabalho com a leitura em segundo plano.

Neste sentido, trabalhar a interpretação de textos é dever de todos os educadores, pois, a habilidade de compreender e dar sentido em textos de diversos contextos é essencial em qualquer disciplina, desde Português até Matemática.

Outra questão a ser discutida em relação à dificuldade de compreender o que está sendo lido é a falta de interesse por parte dos alunos no momento da leitura, ou seja, a desmotivação. Por isso, o hábito da leitura é importante, pois ela está presente no nosso dia a dia, desde o instante em que começamos a compreender o

mundo ao nosso redor, ou seja, ela está presente em, praticamente, todos os momentos da nossa vida. Para Bamberger (1987, p. 92),

O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das escolas.

Segundo Barbosa (2001), interpretar por meio da leitura é construir, atribuir significado à existência de algo ou de alguém. Sendo assim, o autor herói é constituído de forma que o leitor vai dando sentido no que for lido.

Por outro lado, Solé (2014, p. 40) diz que é possível atribuir significado no que se lê, “a partir dos nossos conhecimentos prévios, a partir daquilo que já sabemos, do que já fazia parte da nossa bagagem experiencial”.

Desta forma, ter conhecimentos prévios é, no entanto, conhecimentos guardados na memória do leitor em que no ato da leitura contribui para uma significativa compreensão de um texto, realizado por inferências necessárias que explicitam no corpo do texto.

Sendo a informação dos diversos níveis apenas em parte explicitada no texto, ficando a maior parte implícita, as inferências constituem estratégias cognitivas por meio das quais o ouvinte ou leitor, partindo da informação veiculada pelo texto e levando em conta o contexto (em sentido amplo), constrói novas representações mentais e/ou estabelece uma ponte entre segmentos textuais, ou entre informação explícita e informação não explicitada no texto. (KOCH, 2000, p. 29 – 30).

Antes mesmo de iniciarmos uma leitura é interessante termos um conhecimento de mundo, dos nossos objetivos, de tudo que está em nossa volta, ou seja, da nossa realidade. Conforme, Leffa (1996, p.10) ressalta que “não se lê, portanto, apenas a palavra escrita, mas também o próprio mundo que nos cerca”.

Sabe-se, porém, que, na leitura, o leitor não só atribui acepção ao texto, mas tem que ser competente para interpretar e dar sentido ao que lê, fazendo uso de procedimentos por meios de estratégias, ou seja, hipóteses para auxiliá-lo na organização das informações diante da leitura de um texto.

Assim diz Leffa (1996, p. 14), que

A leitura não é interpretada como um procedimento linear, onde o significado é construído palavra por palavra, mas como um procedimento de levantamento de hipóteses. O que o leitor processa

da página escrita é o mínimo necessário para confirmar ou rejeitar hipóteses.

Segundo Leffa (1996) a leitura é como uma correlação existente dentro de conhecimentos de mundo trazidos pelo leitor e as informações apresentadas pelo texto. Logo, leitor e texto são como duas peças que se encaixam e quando não se encaixam ficam soltas. Acontecendo isso, o leitor volta no início e recomeça de novo e, assim ocorrendo essa combinação entre elas, a leitura procede.

Leitura implica uma correspondência entre o conhecimento prévio do leitor e os dados fornecidos pelo texto. Leitor e texto são como duas engrenagens correndo uma dentro da outra; onde faltar encaixe nas engrenagens leitor e texto se separam e ficam rodando soltos. Quando isso acontece, o leitor fluente, via de regra, recua no texto, retomando-o num ponto anterior e fazendo uma nova tentativa. Se for bem sucedido, há um novo engate e a leitura prossegue. (LEFFA, 1996, p. 22)

Visto que, Leffa (1996) diz que com a interação desses dois elementos leitor e texto surgem um terceiro elemento, que é a compreensão, de modo que esse procedimento ocorre no ato da leitura.

Cabe ressaltar que, o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), desenvolve pesquisas de avaliações que são desempenhadas desde 2000 até o momento, de três em três anos, com alunos dentre 15 anos, avaliando do ensino fundamental ao ensino médio, envolvendo três áreas distintas do conhecimento – leitura, matemática e ciências. E, portanto, destaca nesta pesquisa que a leitura seja uma das preocupações enfatizada com os alunos em idade escolar.

2 REVISÃO DA LITERATURA

É muito comum vermos em sala de aula professores descontentes e alunos desmotivados no que se refere à interpretação do que se lê. Segundo, Cagliari (1998),

O segredo da alfabetização é a leitura (decifração). Escrever é uma decorrência do conhecimento que se tem pra ler. Portanto, o ponto principal do trabalho é ensinar o aluno a decifrar a escrita e, em seguida, a aplicar esse conhecimento para produzir sua própria escrita. (p.104)

Continuando no seu raciocínio, o autor enfatiza que “[...] a alfabetização realiza-se quando o aprendiz descobre como o sistema de escrita funciona, isto é, quando aprende a ler, a decifrar a escrita”. (CAGLIARI, 1998, p.113)

É muito comum presenciarmos em nossos jovens a ausência do prazer pela leitura, o que acaba ocasionando o desinteresse desses alunos por essa atividade, visto que, pelo fato de não entenderem adequadamente o que leem, a compreensão acaba sendo prejudicada. Para Leffa (1996), a compreensão é o resultado do ato da leitura.

Seguindo nessa mesma linha de entendimento Solé (1998) destaca que:

Ler é compreender e compreender é, sobretudo, um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. É um processo que envolve ativamente o leitor, à medida que a compreensão que realiza não deriva da recitação do conteúdo em questão. Por isso, é imprescindível o leitor encontrar sentido no fato de efetuar o esforço cognitivo que pressupõe a leitura (...) (SOLÉ, 1998, p. 44).

Visto que, a compreensão está totalmente ligada à atividade da leitura, tornando o aluno capaz de associar e relacionar o que foi lido, enriquecendo seu vocabulário na sua forma de se expressar e interpretar o texto.

Foi, portanto, no intuito de encontrar elementos que possam apontar uma melhoria neste processo de aprendizagem da leitura que se realizou esta investigação.

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando aos procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem sua suposição tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado. É disso que se está falando quando se diz que é preciso “aprender a ler, lendo”. (PCN, 1997, p. 53).

Muitas vezes o professor não estimula o aluno a pensar, ao contrário, oferece respostas prontas. Guedes e Souza (2006) dizem que chegar a uma resposta pronta, significa que não é leitura, é ao contrário, não produzir sentido. Isto gera o desinteresse do aluno pela leitura, trazendo como consequências a falta de habilidade para interpretar, decifrar e entender os textos lidos.

Por isso, para que o aluno se torne um leitor eficiente, capaz de compreender e dar sentido ao que está sendo lido, faz-se necessário o uso de estratégias que irão possibilitar o desenvolvimento de habilidades leitoras de compreensão e interpretação no decorrer da leitura.

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. (PCN, 1997 p. 36).

Segundo Freire (1996, p. 52) “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

O aluno que não tem o hábito de ler se torna incapaz de interpretar o que lê e a própria realidade que o cerca. Logo, é preciso que os professores trabalhem com textos que sejam significativos e prazerosos ao educando, textos esses que venham a instigar o interesse do aluno em relação ao hábito da leitura, isto é, textos que mostrem ao aluno que a leitura não é só feita em determinados momentos na sala de aula, mas também fora dela, no seu dia a dia.

Sobre essa questão, Kleiman (2002) destaca que

Quando uma criança não encontra utilidade na leitura, o professor deve fornecer-lhe outros exemplos. Quando uma criança não se interessa pela leitura, é o professor quem deve criar situações mais envolventes. O próprio interesse e envolvimento do professor com a leitura servem como modelo indispensável: ninguém ensina bem uma criança a ler bem se não se interessa pela leitura (KLEIMAN, 2002, p. 34).

Freire (1989) diz que o ato de ler é um processo que envolve a compreensão do leitor no momento da leitura, de uma forma crítica, e que não termina só na decifração de palavras, mas que se prever e continua vida afora. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. (FREIRE, 1989, p. 9). Pois, a leitura acontece na escola e por tudo que está ao seu redor, elas caminham juntas no dia a dia do aluno.

Conforme Freire (1989, p.9) “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. Segundo o autor, para que consiga o entrosamento do texto lido, é desprovida da ligação entre o texto e o contexto. FREIRE (1989) comenta que a leitura de mundo fez com

que ele chegasse à alfabetização de uma forma natural, proporcionando o conhecimento e a decifração das palavras. “Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz (FREIRE, 1989, p. 11)”.

Desta forma, para que o aluno tenha um bom entendimento do que lê, ou seja, para que obtenha êxito durante a leitura, é preciso discernimento nas semelhanças entre a escrita e o assunto.

Para Foucambert (2008, p. 4) “a leitura é uma prática social que preenche uma função de comunicação, mas sua aprendizagem, através da escola, é uma realidade social que permite uma seleção”.

Neste sentido, o papel da leitura aprendida na escola é dar significado nas palavras lidas, além de capacitar o leitor para a compreensão de cada parte que compõe o texto.

Logo, sendo a leitura uma atividade cognitiva, social e interativa, torna possível o envolvimento com a participação ativa do próprio leitor.

De acordo com Koch e Elias (2007, p. 12-13), a relação autor-texto-leitor é fundamentada em uma concepção sociocognitivo-interacional, que concede os sujeitos e seus conhecimentos de modo interativo. Quando, na verdade, é uma semelhança que acontece entre as partes no momento da leitura, em que o leitor, com os seus conhecimentos, decifram os textos, sendo capaz de construir sentido sem deixar o sentido atribuído pelo autor.

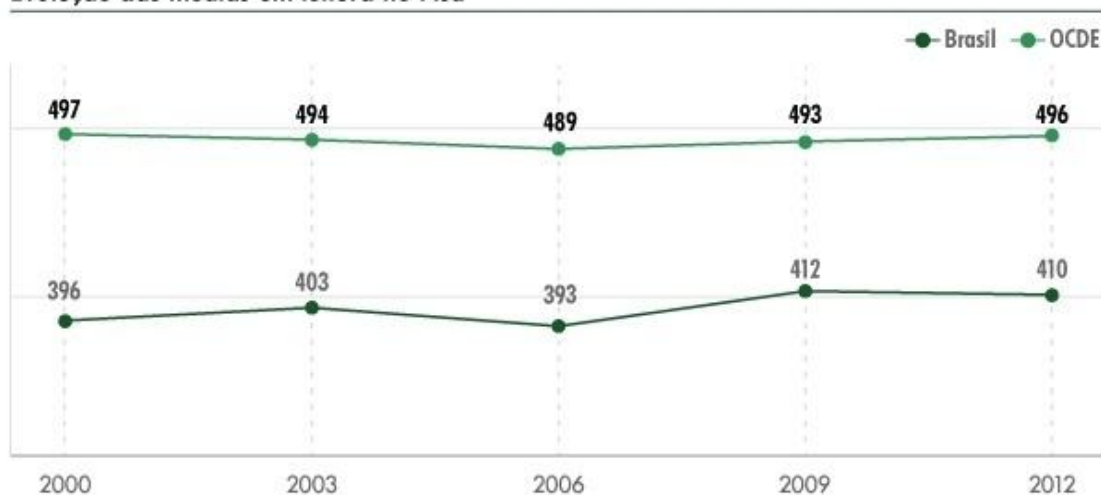
Sabe-se que os professores devem fazer a seleção dos materiais e oferecer bons livros e textos para proporcionar aos alunos o interesse pela leitura e fazer deste momento um momento prazeroso de forma que os alunos despertem o interesse por vários temas e diferentes modalidades de texto. Tal procedimento vai contribuir para que a aluno adquira o hábito de ler e o gosto pela leitura. Para Goés (1991, p. 23), “é importante que os assuntos escolhidos correspondam ao mundo da criança e aos seus interesses”.

Segundo uma pesquisa realizada pelo PISA (Programa Internacional de Avaliação de alunos) em 2009, cujo resultado foi divulgado pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), no quesito leitura, o Brasil,

aparece, em uma lista de 65 países, ocupando a 53^o posição, atrás, portanto, de países como Chile, Uruguai, Trinidad e Tobago e Colômbia, que aparecem em 44^o, 47^o, 51^o e 52^o lugares, respectivamente.

Já, em 2012, segundo o PISA, em relação ao desempenho dos alunos brasileiros na área de leitura, o Brasil ficou na 55^a posição do ranking. Confira, no quadro abaixo, os resultados apresentados pelos alunos brasileiros do Ensino Médio no que diz respeito à capacidade de leitura, nas avaliações feitas nos anos de 2000, 2003, 2006, 2009 e 2012.

Evolução das médias em leitura no Pisa



E, no entanto, mesmo o Brasil evoluindo no seu desempenho, os estudantes ainda assim ocupam as derradeiras colocações no PISA.

É sabido que as escolas têm uma grande contribuição em consideração ao mau desempenho dos alunos frente à leitura. Visto que, sendo uma escola democrática, não dá o direito aos professores fazerem as suas próprias escolhas dos livros que não sejam sugeridos pelas escolas, ou seja, que já fazem parte do cronograma escolar para o ano todo, nos quais os livros didáticos. De acordo com Kleiman,

Quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercendo atividades mecânicas que pouco têm a ver com significado e sentido. Aliás, essa leitura desmotivada não conduz à aprendizagem [...] (2000, p. 35).

Nesta mesma visão, muitas das vezes acontecem de ser deixada de lado na sala de aula, a leitura do livro, da revista, do jornal, da lição e outros, de preferência nas aulas de Língua Portuguesa, consentindo de tal modo como lição de casa. Sendo assim, nesse contexto são consideradas como atividades mecânicas tais como a realização de resumo do livro lido em casa, preenchimento de fichas, questionário e testes de leitura, possivelmente da leitura feita em casa. Essa metodologia “acaba por fixar a ideia de que fruir o texto literário é elaborar a ficha encomendada pelo professor” (SILVA, 1993, p. 61). Nesse sentido, Leffa (1996, p. 28) comenta “o aluno só decora e não há a compreensão da leitura”.

Contudo, ao invés do aluno fazer uma leitura significativa e ser capaz de interpretar e compreender os textos em meios as suas capacidades, ou seja, aos seus estudos, porém, isso não acontece, pelo ensejo de ser uma ação mecânica de símbolos linguísticos (decodificar) e regras (pelo livro didático e pelo professor) se tornando assim, essas problemáticas.

Com isso os alunos acreditam que saibam ler, mas na realidade, só aprendem a decifrar palavras, que por final, o resultado por conta disso acaba sendo uma grande dificuldade de entender e interpretar o que está escrito. Por isso da importância da leitura de diferentes gêneros (jornais, revistas, enciclopédias, livros, mapas, tabelas, fotos, imagens, lista de instruções, gráficos e outros), pois, a leitura está imbuída de uma forma ou de outra em todas elas. Conforme BARBOSA (2010, p. 25), “leitura não é só ler letras, mas que se pode “ler” um quadro, uma escultura. Mostrar que ler é decodificar alguma coisa e que cada pessoa pode fazer uma leitura diferente a partir de sua experiência”. Partindo desse pressuposto, a leitura não pode ser vista só dos livros, mas pode ser vista de várias formas como: “ler a mão”, “ler o olhar de alguém”, “ler o tempo”, “ler o espaço” (MARTINS, 2005, p. 7).

Outras questões atribuídas por alunos em meio a tantos problemas de entender, interpretar a leitura são as possíveis leituras de difícil compreensão com vocabulário requintados, ou seja, às vezes antiquada que no seu contexto não tem nada haver com o seu dia-a-dia e, que, em decorrência disso também muitos alunos tem dificuldade quando tem de escrever, por no papel o que foi lido. Sem dizer que muitos dos textos ofertados para a leitura vêm caracterizados por uma leitura prévia

pelo professor, ou até mesmo pelo autor, não levando em consideração o sentido atribuído pelo aluno e, sim pelo entendimento do outro.

Muitos textos lidos em sala de aula, ou recomendados aos alunos de ensino fundamental e médio, além de não irem ao encontro de suas expectativas, carregam, desde o momento da recomendação, uma pressuposição de entendimento prévio. Isto é, um entendimento que deveria ser alcançado e não descoberto. (BARBOSA, 2009, p. 37)

Fonseca e Cardoso (2005) analisando por outro lado, a matemática ou qualquer outra disciplina requer o ato da leitura. Pois, é sabido que nas aulas de matemática, são considerados alguns procedimentos para que se façam determinados trabalhos com a leitura como, atividades textuais e textos que são utilizados para ser ensinada a matemática e para obtenção de conhecimentos matemáticos para serem lidos. Elas também ressaltam especificidades dos textos favoráveis da matemática, ou seja, consistem na existência de gêneros textuais adequados da matemática. Elas asseguram que

é necessário conhecer as diferentes formas em que o conteúdo do texto pode ser escrito. Essas diferentes formas também constituem especificidades dos gêneros textuais próprios da matemática, cujo reconhecimento é fundamental para a atividade de leitura (FONSECA & CARDOSO, 2005, p. 65).

Sabe-se, porém, que a leitura e a interpretação de texto estão vinculadas em qualquer disciplina do ensino, porém, muitos professores que não sejam de português acabam delegando essa responsabilidade a este professor, esquecendo que essa didática faz parte do aluno na hora de saber ler e compreender um exercício, uma gravura no livro de história, um gráfico, uma legenda de um mapa, e uma infinidade de outros tipos de leituras.

Evidente que o procedimento feito com a leitura para habilitar o aluno para a interpretação de textos, respectivamente devem acontecer com todos os professores independentes da matéria, sendo um trabalho em conjunto por uma causa em comum de todos e, não esquecendo que a linguagem específica será ministrada pelo professor de português.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que, em pleno ao século XXI, ainda é comum encontrarmos alunos que apresentam dificuldades em relação à interpretação de textos e que esta dificuldade poderá atingir de forma negativa o aprendizado e o desenvolvimento escolar destes alunos.

Os fatores que levam os alunos a apresentarem dificuldades na interpretação de textos são destacados como a falta do hábito da leitura, que deveria ser encontrado no lar. Outro fator pode ser representado pela própria escola que coloca a leitura em segundo plano, onde o professor não estimula o aluno a pensar, ocorrendo assim à desmotivação e o desinteresse pela leitura, uma vez que, para que ocorra uma boa interpretação de texto é necessário que, não somente o aluno, mas qualquer pessoa tenha adquirido o hábito de ler e o gosto pela leitura.

Sendo assim, esta dificuldade na interpretação de texto sempre será um entrave, caso não ocorram mudanças, iniciativas, envolvimento dos professores, pais e alunos na tentativa de criar estratégias e práticas em que a leitura passe a fazer parte do dia-a-dia do aluno, iniciando no lar até a fase escolar para que, no futuro, as pessoas sejam capazes de, ao ler um texto, saber interpretá-lo satisfatoriamente.

Diante do péssimo desempenho dos alunos brasileiros do Ensino Médio nas áreas de leitura, ciências e matemática nos seguidos testes do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), tem havido uma preocupação do nosso Sistema Educativo no sentido de melhorar o desenvolvimento dessas habilidades dos nossos estudantes, mas, o que tem sido feito até agora ainda não se mostrou suficiente para provocar as mudanças necessárias.

Outro fator que contribui para resultados é o fato de as escolas (professores) não oferecerem aos alunos bons livros para leitura, principalmente livros literários, além de não dar a eles a oportunidade de fazerem suas próprias escolhas pelos autores e títulos que desejam ler, isto se torna um agravante a mais, isto é, uma lacuna aberta para a insatisfação destes alunos, o que acaba ocasionando o desinteresse pela leitura.

Muitas vezes, o fato de os professores não trabalharem com os alunos a interpretação de texto dentro da sala de aula, delegando a eles a tarefa de fazerem suas leituras como lição de casa e num outro dia praticar essas leituras na escola com o preenchimento de fichas e questionário, tem agravado, ainda mais, essa problemática, pois acaba por deixar a leitura propriamente em segundo plano. Conforme ZIBERMAN (1985 p. 46), “texto nenhum nasce para ser objeto de estudo, de dissecação de análise”.

Tais práticas levam os alunos pensarem que sabem ler efetivamente e a acreditar, mas, o que grande parte deles consegue é apenas decifrar palavras, sua capacidade não lhes permite, muitas vezes, compreender o significado de certas palavras pelo fato destas não fazerem parte do seu dia-a-dia. Outro problema que ocorre com frequência é o fato de o professor exigir que o aluno interprete o texto exatamente como quis ou pensou o seu autor no ato que o escreveu, ou seja, a atribuição de sentido ao texto não pode ser outra que destorce daquela imaginada pelo autor do texto, o que, de certa forma, engessa a criatividade e a imaginação do aluno no ato da leitura. Se os docentes dessem verdadeira importância ao desenvolvimento de atividades diferenciadas com a leitura dentro da sala de aula, dariam a eles mesmos e aos alunos possibilidades de conhecerem várias maneiras de ler e interpretar.

É oportuno ressaltar que o desenvolvimento das atividades de leitura e a interpretação não são tarefas exclusivas do professor de língua portuguesa e sim a todos os professores, seja qual for a disciplina, pois a leitura e a interpretação são importantes e essenciais para que o aluno apresente um bom desempenho em todas as áreas do conhecimento.

Dessa forma, seria interessante que os professores se dedicassem mais as práticas de leitura, deixando transparecer ao aluno esse gosto pela leitura. O professor tem que ser um exemplo de bom leitor para o seu aluno, O bom exemplo vai motivar o estudante para que adquira o hábito de ler. Nesse processo, o professor tem que exercer o papel de mediador entre o aluno e o conhecimento adquirido por meio da leitura e, que isso não aconteça somente no momento da leitura, mas em toda e qualquer situação que demande tal mediação.

Diante do que foi exposto, pode-se dizer que os objetivos estabelecidos para a pesquisa foram alcançados, visto que o estudo bibliográfico realizado permitiu-nos compreender mais claramente as dificuldades apresentadas pelos alunos no que tange às práticas de leitura e a interpretação de texto em sala de aula.

REFERÊNCIAS

AQUINO, A. F. PIMENTA, M. C. L. **Leitura e a Interpretação de Texto**. Revista Olhar Científico – Faculdades Associadas de Ariquemes – V.1, n. 2, Ago/Dez. 2010.

ALMEIDA, Crislaine Regina de. BRUNN, Elis Juliana Pavioto. **O desenvolvimento da prática de leitura como hábito diário e significativo ao aluno**. Projeto de Pesquisa de Monografia de Conclusão de Curso. Curso de Pedagogia. Instituto Superior de Educação Cenequista de Capivari – ISECC. 43, 2009.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1988.

BARBOSA, R. L. L. **A construção do “herói”: leitura na escola**. Assis 1920/1950. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. **Dificuldades de leitura: a busca da chave do segredo**. 2 ed. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

_____. **Práticas de leitura e conceitos socioambientais**. São Paulo: Arte & Ciência, 2009.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: 144 p. 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu**: Pensamento e Ação no Magistério. 1 ed. São Paulo: Scipione, 1998.

EBC. **Confira o ranking dos países com melhor desempenho no Pisa**. Empresa Brasil de Comunicação S/A – EBC. Brasília/DF, 03 dez 2013. Disponível em: <www.ebc.com.br/educacao/2013/12/ranking-do-pisa-2012#leitura>. Acesso em: 20 de out. 2015.

FONSECA, Maria C. F. R.; CARDOSO, Cleusa de A. Educação matemática e letramento: textos para ensinar matemática, matemática para ler texto. In: NACARATO, A. M.; LOPES, C.E. (org). **Escritas e leituras na Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 63-76.

FOUCAMBERT, j. **Modos de ser leitor**. Tradução de Lúcia P. Cherem e Suzete P. Bornatto. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

_____. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessária à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GOÉS, L. P. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

GUEDES, Paulo Coimbra; SOUZA, Jane Mari de. Leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de Português; Não apenas o texto, mas o diálogo em língua escrita é o conteúdo da aula de Português. In:____. **Ler e escrever: um compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

GUIMARÃES, L. **Brasil fica em 53º lugar em prova internacional que avalia capacidade de leitura**. Folha de São Paulo, São Paulo, 7 dez. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2010/12/841804-brasil-fica-em-53-lugar-em-prova-internacional-que-avalia-capacidade-de-leitura.shtml>>. Acesso em: 06 de set. 2015.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura**. 8 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 7 ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura. Uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1996.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura: como e quando começamos a ler**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa): resultados nacionais – Pisa 2009/ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Brasília: O Instituto, 2012.

SANTOS, Nelson dos. **O significado do trabalho com o texto dissertativo-argumentativo escrito em sala de aula**. - 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, SP, 2014.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de pedagogia da leitura**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

_____. **Estratégias de leitura**. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 1998.

UOL educação. **Pisa: desempenho do Brasil piora em leitura e “empaca” em ciências**. São Paulo 03/12/2013. Disponível em: <[HTTP://educação.uol.com.br/noticias/2013/12/03/pisa-desempenho-do-Brasil-piora-em-leitura-e-empaca-em-ciencias.htm](http://educação.uol.com.br/noticias/2013/12/03/pisa-desempenho-do-Brasil-piora-em-leitura-e-empaca-em-ciencias.htm)>. Acesso em: 20 de out. 2015.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1998.